



**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**MARIA DA SILVA BARBOSA**

**O IMPACTO DO SUICÍDIO NOS FAMILIARES ENLUTADOS**

**ICÓ- CE  
2024**

MARIA DA SILVA BARBOSA

## **O IMPACTO DO SUICÍDIO NOS FAMILIARES ENLUTADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção de qualificação e de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso TCC II.

Orientador: Prof. Esp. Antônio Martins Vieira e Silva Junior

MARIA DA SILVA BARBOSA

**O IMPACTO DO SUICÍDIO NOS FAMILIARES ENLUTADOS**

Artigo científico aprovado em 26/11/2024, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVs.

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof. Esp. Antônio Martins Vieira e Silva Junior**  
*Orientador(a)*

---

**Prof. Esp. Davi Sampaio Cardoso**  
*Avaliador(a)*

---

**Prof. Ma. Meury Gardênia Lima de Araújo**  
*Avaliador(a)*

ICÓ- CE  
2024

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que esteve presente em cada passo dessa jornada árdua e transformadora de cinco anos. Foi Ele quem me ofereceu companhia, proteção, paz e coragem. Nos momentos mais difíceis, foi Sua força e perseverança que me sustentaram, evitando que eu desistisse dos meus sonhos.

Aos meus pais e irmãos, não existem palavras suficientes para expressar minha gratidão. Vocês estiveram ao meu lado em cada momento, sonhando comigo, persistindo e celebrando cada conquista. Obrigada por cuidarem de todas as circunstâncias e por serem minha base, meu apoio e minha inspiração. Nos momentos em que o cansaço e a dúvida pareciam insuperáveis, vocês me lembraram de que o meu sonho era possível e que a persistência me levaria a realizá-lo.

Um agradecimento especial ao meu professor e orientador, Antônio Martins, que compartilhou seus conhecimentos com generosidade. Sua paciência com o meu processo e sua paixão pelo trabalho foram uma inspiração constante. Sou uma grande admiradora da sua dedicação.

Por fim, agradeço à minha família e amigos, por estarem ao meu lado em momentos de leveza e descontração, me lembrando de que a vida é maior do que qualquer obstáculo. Vocês me deram forças para continuar e me mostraram que o equilíbrio entre os estudos e a alegria é essencial para seguir em frente.

Dedico também este momento a todas as famílias que atravessam o doloroso processo de enlutamento pelo suicídio. Que a esperança e o amor possam ser forças transformadoras, ajudando a curar as feridas mais profundas

# O IMPACTO DO SUICÍDIO NOS FAMILIARES ENLUTADOS

Maria da Silva Barbosa<sup>1</sup>  
Antônio Martins Vieira e Silva Junior<sup>2</sup>

## RESUMO

O suicídio constitui um fenômeno complexo e multifacetado, resultante da interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Este estudo tem como objetivo investigar os reflexos emocionais do suicídio nos familiares sobreviventes, com foco na compreensão dos impactos psicológicos decorrentes da perda de um ente querido por esta causa. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, sistemática e exploratória, abrangendo artigos publicados entre 2016 e 2024, selecionados nas bases de dados Scielo, LILACS, EBSCO, PePSIC e Periódicos CAPES, com recorte específico para publicações em língua portuguesa. Os achados evidenciam que o suicídio ocasiona um luto singular e complexo, frequentemente marcado por sentimentos intensos de culpa, vergonha, estigmatização social e isolamento. Essas características tornam o processo de elaboração do luto desafiador, podendo contribuir para o surgimento de transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade, nos familiares enlutados. Ademais, a perda pode impactar negativamente a dinâmica familiar e os vínculos interpessoais, reforçando a necessidade de intervenções específicas. Os resultados deste estudo reiteram a importância de estratégias integradas de prevenção do suicídio e de suporte psicológico direcionado às famílias enlutadas, enfatizando a relevância de ações que promovam acolhimento, resiliência e a superação do estigma associado à temática.

**Palavras-chave:** Suicídio. Luto. Família.

## ABSTRACT

Suicide is a complex and multifaceted phenomenon, resulting from the interaction of biological, psychological, social and cultural factors. This study aims to investigate the emotional effects of suicide on surviving family members, focusing on understanding the psychological impacts resulting from the loss of a loved one due to this cause. The research adopts a bibliographic, systematic and exploratory approach, covering articles published between 2016 and 2024, selected from the Scielo, LILACS, EBSCO, PePSIC and CAPES Periodicals databases, with a specific focus on publications in Portuguese. The findings show that suicide causes a unique and complex mourning, often marked by intense feelings of guilt, shame, social stigmatization and isolation. These characteristics make the process of elaborating mourning challenging and may contribute to the emergence of psychological disorders, such as depression and anxiety, in bereaved family members. Furthermore, loss can negatively impact family dynamics and interpersonal bonds, reinforcing the need for specific interventions. The results of this study reiterate the importance of integrated suicide prevention strategies and psychological support aimed at grieving families, emphasizing the relevance of actions that promote acceptance, resilience and overcoming the stigma associated with the issue.

**Keywords:** Suicide. Mourning. Family.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: mariaabarbosa961@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador. Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pela Univerisdade Cristo Rei- UniChristus. E-mail: antoniomartins@univs.edu.br

## **1 INTRODUÇÃO**

O suicídio é um fenômeno complexo, influenciado por fatores biológicos, psicológicos e culturais, com impactos que transcendem a vítima, afetando familiares e a comunidade (Bertolotti, 2012 apud Cescon, 2018). Segundo a OMS (2019), mais de 700 mil pessoas cometem suicídio anualmente, e as tentativas representam o principal fator de risco. A conduta suicida abrange desde ideação até atos com intenção de extinguir a própria vida, incluindo autoagressões que podem levar ao óbito (Fráguas Júnior e Figueiró, 2005 apud Magalhães, 2019).

O luto por suicídio é caracterizado por sentimentos intensos, influenciados pela relação com o falecido e as circunstâncias da morte. Para Kovács (1992), trata-se de um processo psicossocial que demanda tempo e depende de fatores como rede de apoio e habilidade de enfrentamento. Quando não elaborado de forma saudável, o luto pode prejudicar atividades cotidianas, intensificando o impacto familiar. A família, espaço essencial de socialização e adaptação, reflete a complexidade e diversidade de arranjos sociais, influenciando diretamente o enfrentamento do luto (Carter e Goldrick, 1995; Ferrari e Kaloustian, 2004).

A escolha deste tema foi motivada por vivências pessoais relacionadas a suicídios na comunidade, evidenciando a necessidade de investigar os impactos psicológicos nas famílias enlutadas. Observa-se uma discrepância entre a atenção dada às pessoas com comportamento suicida e aos familiares sobreviventes, ressaltando a importância de suporte mais abrangente. O objetivo do estudo é compreender os impactos do luto nas famílias, abordando o suicídio enquanto fenômeno biológico, social e psicológico, e analisando suas consequências emocionais para os enlutados.

Esta pesquisa busca responder à pergunta: como é vivenciado o luto na família após a perda de membros por suicídio? Justifica-se pela necessidade de compreender melhor o tema e fornecer subsídios para profissionais da saúde e assistência social. Psicólogos e outros profissionais precisam estar capacitados para identificar riscos, oferecer suporte e encaminhar para tratamento, contribuindo para um cuidado mais humano e eficaz (Kovács, 1992; Figueiredo e Martins, 2009).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 FAMÍLIA**

Historicamente, o conceito moderno de família, originado do termo latino *famulus*, emergiu no século XVIII para descrever uma unidade residencial constituída por pessoas ligadas por laços biológicos, geralmente pai, mãe e filhos Dessen e Ramos (2010), sendo que o modelo patriarcal, dominou por muito tempo a compreensão e organização da família, impondo papéis rígidos e priorizando a proteção dos descendentes e da linhagem (Casey, 1992).

De acordo com Scott (1990) e Sarti (1995) embora essa definição centrada em laços consanguíneos ainda seja predominante no Brasil, há evidências claras de modificação e transformação da família. No entanto, Dessen e Lewis (1998) argumentam que o uso do modelo de família nuclear, baseado em laços biológicos, é inadequado, pois não reflete a miscigenação e a versatilidade das famílias contemporâneas.

As definições de relações familiares estão conectadas à interação entre seus membros em várias situações do cotidiano, aquelas definidas como positivas têm como objetivo manter a homeostase familiar, o que as torna coesas, estáveis e seguras, no entanto, relações conflituosas e distantes podem ter um impacto negativo na dinâmica familiar (Takahara, et al, 2017).

No seio da família podem ser forjados laços profundos e duradouros permeados por uma comunicação construtiva, regras flexíveis e coerentes, uma liderança participativa, o cultivo da autoestima e o respeito pela individualidade de cada membro, sendo nesse contexto que se promove o desenvolvimento saudável dos indivíduos e se adquirem habilidades essenciais para a convivência em sociedade, contribuindo para a integração social e o bemestar físico e psicológico (Souza e Baptista, 2008).

A relevância dessas relações positivas no âmbito familiar é evidente quando a falta de habilidade para se relacionar com a família está ligada à história de vida e influencia condutas de pessoas suscetíveis ao comportamento suicida, sendo que o envolvimento da família emerge como uma estratégia crucial de intervenção, funcionando como um sistema de apoio social para indivíduos nessa condição (OMS, 2000).

De acordo com Minayo (2021) os vínculos familiares, enquanto componentes de uma rede de apoio social, desempenham um papel fundamental como fatores protetores para o ser humano, especialmente em momentos de adversidade, onde o apoio pode ajudar a mitigar o impacto psicológico dessas situações, fornecendo suporte material, financeiro, auxílio em atividades práticas e orientação emocional, através de demonstrações de carinho, compreensão, empatia, solidariedade e prontidão para cuidar.

Portanto, o apoio familiar abrange a integração social, que diz respeito à interação regular com outras pessoas; o suporte recebido, representando o apoio concreto e efetivo

oferecido e o suporte percebido, que avalia a satisfação das necessidades na perspectiva do receptor, garantindo um senso de pertencimento e a confiança de que o apoio estará disponível quando necessário.

## 2.2 SUICÍDIO

O termo suicídio é definido como o ato ou efeito de suicidar-se, ou ainda, como a desgraça ou ruína buscada de livre vontade ou por falta de discernimento segundo Aurélio (2016), sendo importante observar que Botega (2015) contextualiza o surgimento do termo desde o século XVII, centrando sua definição na ação de encerrar a própria vida, além de abordar questões relacionadas à motivação, intencionalidade e mortalidade.

O comportamento representa um ato desesperado de alguém cuja vida perdeu o significado, nesse contexto, a ação pode ser compreendida como uma tentativa de escapar de um sofrimento psicológico ou físico insuportável, refletindo a busca por alívio diante de circunstâncias intoleráveis, tendo em vista que observa-se uma intensificação de distúrbios mentais ou desequilíbrios emocionais precedendo a crise suicida, os quais podem surgir após eventos dolorosos e serem percebidos como uma crise existencial, sendo que essa condição pode desencadear um sofrimento psíquico insuportável para o indivíduo, levando-o a considerar atentar contra a própria vida como uma forma de aliviar tal angústia, nessas circunstâncias entende-se que o indivíduo pode perder o controle sobre si, indicando a necessidade de intervenção médica e apoio profissional imediato (Bertolotti, 2012).

Independentemente da perspectiva adotada, o comportamento suicida está intrinsecamente ligado ao sofrimento observado tanto no indivíduo que considera ou realiza o ato suicida, quanto nos familiares que lidam com a perda de um ente querido através de tal ação, além disso, é necessário considerar as consequências sociais desse ato, que reverberam na comunidade e na sociedade como um todo (Werlang, Macedo, Kruger, 2004).

Segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) (2014) o fenômeno do suicídio vem sendo discutido tanto em âmbito nacional como internacional, números da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam aproximadamente 800 mil óbitos por suicídio anualmente, número superior ao de mortes por guerras e homicídio, e inferior apenas ao de mortes violentas no trânsito, devendo-se observar que 9 em cada 10 casos poderiam ser evitados com um trabalho de prevenção. Outro ponto importante a observar é que o Brasil é o oitavo país em número absoluto de casos, com cerca de 11 mil casos anuais, além do alto índice de ideação suicida durante algum momento da vida, presente em 17% da população nacional ABP (2014); Ruckert,

Frizzo e Rigoli (2019), onde a estimativa é de 32 mortes por dia, ou seja, a cada 45 minutos uma pessoa tira a própria vida (Fukumitsu, Kovács, 2016).

Embora a taxa global de suicídios tenha sido reduzida em 6% entre 2010 e 2016, algumas regiões, como as Américas, apresentaram um aumento nos seus números Ruckert, Frizzo e Rigoli (2019), além disso, mesmo com a diminuição do índice global, a OMS estima que não será possível alcançar suas metas de redução até 2030 se a taxa de decréscimo atual for mantida, por isso, a OMS incentiva a implementação de estratégias nacionais para que cada país possa aumentar sua contribuição na luta global contra o suicídio.

As principais estratégias de enfrentamento do problema passam pelo seu entendimento, o período de crise que precede o pensamento suicida ou a tentativa de suicídio é geralmente associado a dificuldades psicológicas na gestão de situações adversas na vida, fatores como tentativas prévias, isolamento social, histórico familiar de doenças mentais ou de abuso, declarações de intenção suicida, além de aspectos biológicos e socioeconômicos, estão entre os associados ao suicídio, assim como os relacionamentos interpessoais significativos, tanto com a família quanto com amigos, e um ambiente de trabalho saudável são considerados fatores de proteção diante da ideação suicida, além disso, aspectos pessoais, como autoestima, habilidades sociais e autoeficácia, também desempenham um papel protetor. (ABP, 2014; Fukumitsu et al., 2015).

### 2.3 LUTO

O luto é um campo de estudo da Tanatologia, sendo compreendido como uma reação natural e esperada diante da ruptura de um vínculo significativo, sendo um processo de elaboração de uma perda importante, tratando-se de um fenômeno dinâmico, individual e multidimensional, caracterizado por intenso sofrimento emocional e profunda tristeza (Bouso, 2011).

Segundo Pires (2010), o luto é um procedimento cognitivo em que, perante uma perda, o indivíduo começa a procurar um significado, evocando lembranças associadas à pessoa falecida como forma de se adaptar à nova realidade, já Franqueira et al. (2015) e Parkes (1998) complementam ao reiterar que o luto é vivenciado de maneira única, sem um padrão fixo, com alterações na intensidade e na duração, influenciadas por fatores como as circunstâncias da morte e as particularidades pessoais do enlutado.

O luto é descrito como uma crise, pois gera um desequilíbrio entre a necessidade de ajustamento imediato e os recursos disponíveis para lidar com essa situação, é necessário

observar que a morte impacta a família de forma sistêmica, exigindo um esforço emocional e relacional significativo, onde a crise surge da necessidade de continuar desempenhando os papéis familiares, agora sobrecarregados pelo luto dos demais membros, somada às reações individuais ao luto (Bromberg et al., 1996).

Segundo Kübler-Ross (2017) apud Silva et al. (2024), o luto é compreendido como um processo dinâmico e subjetivo, dividido em cinco estágios: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Originalmente propostos para descrever as reações ao diagnóstico de doenças terminais, esses estágios também se aplicam ao entendimento do luto de maneira mais ampla. Entretanto, é importante destacar que essas fases não seguem uma ordem cronológica fixa, podendo ocorrer em diferentes sequências ou até mesmo se repetirem ao longo do processo. Cada indivíduo vivencia o luto de maneira única, de acordo com suas circunstâncias pessoais e contexto emocional, refletindo a singularidade das experiências humanas diante da perda.

No primeiro estágio, a negação, onde o indivíduo se recusa a aceitar a realidade da perda, acreditando firmemente que aquilo não está acontecendo com ele, sendo a negação um mecanismo de defesa que atua como um amortecedor contra o choque das más notícias, permitindo ao indivíduo tempo para se recuperar e mobilizar outras defesas menos radicais (Kübler- Ross 2017 apud Silva et. al. (2024).

O segundo estágio, a raiva, surge quando a negação não pode mais ser sustentada, nesse caso o indivíduo reconhece a verdade dolorosa e responde com sentimentos de revolta, ressentimento e inveja, é importante observar que Kübler- Ross (2017) apud Silva et. al. (2024) destaca que esse sentimento de raiva frequentemente se dirige a pessoas próximas, como familiares e equipe médica, não necessariamente por causa deles, mas como uma manifestação do desespero interno.

No estágio da barganha, o paciente tenta negociar com Deus ou consigo mesmo na esperança de adiar o inevitável, onde Kübler- Ross (2017) apud Silva et. al. (2024) aponta que essas barganhas geralmente são feitas em segredo e são uma tentativa de adiar a dor da perda, seja para vivenciar um evento significativo ou simplesmente para ganhar mais tempo.

O quarto estágio, a depressão, é caracterizada por uma profunda tristeza quando o paciente ou o enlutado aceita a realidade da perda, nesse estágio todos os sentimentos reprimidos anteriormente emergem, resultando em um estado de pesar contínuo, onde Kübler-Ross (2017) apud Silva et. al. (2024) explica que esse processo de tristeza é uma resposta natural a percepção da perda inevitável e das futuras ausências.

Finalmente, o estágio da aceitação é alcançado quando o indivíduo aceita a realidade da situação e encontra um certo grau de paz, Kübler- Ross (2017) apud Silva et. al. (2024) sugere

que, nesse estágio, a necessidade de suporte recai mais sobre a família do que sobre o próprio paciente, que tende a se isolar, desejando tranquilidade e evitando preocupações externas.

Parkes (1998) oferece uma visão ligeiramente diferente das fases do luto, descrevendo-as como entorpecimento, saudade, desorganização e desespero, seguidos pela recuperação, cada indivíduo pode experimentar essas fases de maneiras únicas, e pode haver uma reemergência de sentimentos de saudade e pesar devido a eventos desencadeantes, além disso o autor destaca que, além do pesar, o estigma e a privação são fatores críticos que influenciam a reação global a perda.

O luto por suicídio, conforme Silva (2013), tem sido considerado patológico, no entanto, a partir da noção de que este é uma reação esperada diante de uma perda, essa ideia tem sido contestada, sugerindo que o termo mais apropriado para esse tipo seria luto complicado, devido à sua grande complexidade, assim, é importante destacar que, assim como o suicídio possui suas singularidades e diversas facetas, o processo de luto em casos desse ato também é complexo, não podendo ser reduzido a uma única compreensão, conforme ressaltado pelas autoras.

Fukumitsu (2019) menciona que, em sua maioria, os enlutados procuram uma explicação minimamente plausível para lidar com um acontecimento tão inexplicável, buscando entender o ato de autoextermínio de seu ente querido, onde as hipóteses formuladas têm o objetivo de preencher o vazio deixado pelo mistério do ato, já alguns se sentem impotentes diante do acontecido com o ente querido, refletindo sobre o que poderiam ter feito de diferente, enquanto outros necessitam de uma resposta mais concreta e, para isso, reconstróem a suposta trajetória de seu ente querido, na esperança de facilitar a elaboração do luto através de fatos.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo utilizou uma análise bibliográfica, sistemática e exploratória para compreender os efeitos psicológicos na família diante da perda de um ente querido por suicídio. A pesquisa bibliográfica, fundamentada em Marconi e Lakatos (2001), permitiu uma abordagem reflexiva e científica, enquanto a revisão sistemática, conforme De-la-Torre, Takahashi e Bertolozzi (2011), possibilitou identificar e sintetizar evidências relevantes para embasar propostas de mudança em áreas como prevenção e tratamento.

Os artigos analisados foram selecionados em língua portuguesa, entre 2016 e 2024, utilizando os descritores “suicídio”, “luto” e “família” em bases como SciELO, LILACS, EBSCO, BVS-Psi Brasil, PePSIC e Periódicos CAPES. Excluíram-se monografias, TCCs,

dissertações e teses devido à ausência de revisão por pares, garantindo maior rigor metodológico e credibilidade aos dados obtidos. O estudo revisou pesquisas que abordam o suicídio como fenômeno socio-psicológico, analisando os impactos do luto disfuncional nas famílias e discutindo como esses efeitos comprometem a saúde mental dos sobreviventes. A análise foi organizada em três etapas: panorama geral dos artigos, foco nos objetivos específicos e discussão crítica dos resultados.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 RESULTADOS

Após realizar as buscas, foram encontrados quatro artigos que cumpriram os requisitos estabelecidos para inclusão nesta pesquisa, no Quadro 1 são apresentados os artigos selecionados.

**Quadro 1-** Lista de artigos selecionados pelos critérios de inclusão e suas respectivas conclusões.

Ano	Autor	Título	Conclusão
2016	Nunes et. al.	O fenômeno do suicídio entre os familiares sobreviventes: revisão integrativa	Intervenções de acolhimento e grupos de apoio são essenciais para prevenir novos casos de suicídio entre os sobreviventes.
2022	Alpe e Cruz	Suicídio: a dor dos sobreviventes enlutados	O suicídio causa trauma psíquico nos familiares, resultando em sentimentos de culpa e dificuldade em processar a dor. A interdição da palavra “suicídio” e a busca por respostas são características marcantes do luto.
2023	Gomes e Constantinidis	Sentimentos e Percepções do Luto de Sobreviventes ao Suicídio de Jovens	Os sobreviventes utilizam explicações racionalizadas ou dissociadas para lidar com a perda. Isolamento, apoio entre amigos, prática religiosa e dedicação ao trabalho são estratégias de enfrentamento.
2023	Lemos; Silva; Almeida e Costa Neto	Familiares de indivíduos vítimas de autoextermínio: realidade e proposta de	É destacada a importância de uma assistência psicossocial adequada para ajudar os sobreviventes a lidar com o luto.

		intervenção em saúde pública	
--	--	------------------------------	--

**Fonte:** Dados da pesquisa bibliográfica do autor (2024).

## 4.2 DISCUSSÕES

A pesquisa de Nunes et. al (2016) utiliza como metodologia uma revisão integrativa da literatura, com poder de inferência moderado, este método identifica, analisa e sintetiza resultados de estudos independentes sobre um mesmo tema. Os critérios de inclusão são: artigos entre janeiro de 2010 a Abril de 2015, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os critérios de exclusão são: publicações anteriores a 2010 e referências que não permitiram acesso gratuito ao texto completo on-line e artigos repetidos.

Os autores encontraram 13 artigos e após leitura do título e resumo verificou-se que não atendiam aos critérios de inclusão, selecionando assim 07 artigos com diferentes delineamentos proporcionando uma visão abrangente sobre o tema. É utilizado o método PICOD (participantes, intervenções, contexto, resultados, desenho do estudo), como estratégia de pesquisa.

Dos artigos selecionados 01 é estudo de caso sobre suicídio de pais e filhos, 02 são estudos qualitativos 01 com autópsia psicossocial, e o outro com narrativas de familiares enlutados por suicídio, 02 são estudos quantitativos, sendo 01 realizado com suecos com história de suicídio de um irmão adulto, e outro sobre as vivências de 17 famílias portuguesas no processo de luto de suicídio de um familiar idoso. Conta ainda com 01 estudo feito por meio de um website para análise da experiência de luto de pais com história de morte violenta e não violenta dos filhos. E 01 estudo randomizado com 21 participantes de um grupo de intervenção baseada na internet e 29 participantes de um grupo controle.

Em seus resultados são demonstrados os principais achados da pesquisa que são: o impacto psicológico dos familiares sobreviventes ao enfrentar sentimentos de culpa, vergonha e raiva, sentimentos estes que podem resultar em transtornos mentais como por exemplo depressão e ansiedade; o impacto social, de forma que o suicídio pode causar dificuldades nas relações interpessoais e problemas de comunicação até mesmo entre familiares; o impacto físico, pois os sobreviventes podem apresentar insônia, perda de apetite e problemas de saúde relacionados ao estresse; E por fim a necessidade de suporte, no estudo é destacada a importância de oferecer suporte psicológico e social aos familiares sobreviventes, podendo

assim prevenir comportamentos suicidas futuros. Dessa forma, é possível destacar que os achados fazem sentido com a fundamentação do artigo, pois a revisão integrativa é adequada para sintetizar conhecimentos existentes e identificar lacunas na literatura sobre o impacto do suicídio nos familiares.

Os estudos revisados por Nunes et al. (2016) mostram que as intervenções podem variar desde o suporte psicológico individual até programas comunitários de apoio, enfatizando a necessidade de campanhas de educação e sensibilização para reduzir o estigma associado ao suicídio. Salientam ainda a importância dos profissionais de saúde, psicólogos, assistentes sociais e médicos, que realizam um papel vital no acolhimento dos sobreviventes. Portanto, os autores concluem que intervenções de acolhimento e grupos de apoio são de grande importância para prevenir novos casos de suicídio entre os sobreviventes.

Alpe e Cruz (2022) realizam uma pesquisa descritiva, exploratória e de abordagem qualitativa com onze sobreviventes enlutados, que incluem parentes de primeiro e uma nora, esses participantes são adultos de ambos os sexos e vivenciaram o suicídio familiar entre 2010 e 2015. A pesquisa foi realizada em um município na região Noroeste do Rio Grande do Sul através de entrevista semiestruturada e a interpretação de dados ocorreu pelo método de análise de conteúdo, que é realizada em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. O estudo é realizado com poder de inferência alto para contextos específicos, de forma que a abordagem qualitativa permite uma compreensão profunda das experiências individuais, mas os resultados não são generalizáveis.

Na análise do trabalho os autores constroem duas categorias: “O Inominável” e “A Culpa”. A primeira se dá pelo fato dos participantes não conseguirem nomear a experiência com o suicídio. A segunda categoria está relacionada à culpa, pois o suicídio é um tipo de morte que frequentemente desperta sentimentos de autorrecriminação e a tendência de atribuir responsabilidade a si mesmo ou a outras pessoas.

Os autores enfatizam que o suicídio causa trauma psíquico nos familiares, provocando sentimentos intensos de culpa e dificuldade em nomear e processar a dor associada à perda. A referida pesquisa apresenta resultados semelhantes aos encontrados por Nunes et. al. (2016), indicando que o suicídio causa além de traumas nos sobreviventes, impactos econômicos e sociais nos sobreviventes.

Alpe e Cruz (2022) concluem ressaltando a importância do investimento em ações de prevenção e posvenção para apoiar os sobreviventes enlutados com espaços de escuta, promovendo o acolhimento da dor e respeitando a forma singular de enfrentamento de cada sobrevivente. Portanto, comparando os resultados com a fundamentação nota-se que há uma

relação de sentido entre ambos, pois a metodologia qualitativa é apropriada para explorar as complexas emoções e desafios enfrentados pelos sobreviventes enlutados.

A pesquisa de Nunes et al. (2016) busca entender o fenômeno do suicídio entre os familiares sobreviventes. Já o estudo de Alpe e Cruz (2022) por outro lado foca mais na dor dos sobreviventes enlutados. Ambos os estudos trazem a necessidade de suporte adequado para os familiares sobreviventes de suicídio, mas enquanto Nunes et al. (2016) focam na prevenção de novos suicídios através de intervenções específicas, Alpe e Cruz (2022) enfatizam a importância de abordar o luto e o sofrimento emocional dos sobreviventes.

Gomes e Constantinidis (2023) realizam uma pesquisa qualitativa de investigação do tipo descritiva e exploratória com sobreviventes de suicídios de jovens da região Sudeste do Brasil. Foram entrevistados sete pessoas, através de entrevista não estruturada, onde cada entrevistado conta de forma livre sua história e experiência sobre o assunto, com duração média de 135 minutos. Para analisar os dados da entrevista narrativa, foi utilizada a análise de conteúdo, realizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Esta pesquisa também conta com poder de inferência alto para contextos específicos, similar ao estudo de Alpe e Cruz (2022).

O estudo de Gomes e Constantinidis (2023) oferece uma análise profunda das experiências de luto de sobreviventes ao suicídio de jovens, enfatizando as complexas emoções e estratégias de enfrentamento adotadas pelos indivíduos. Nos resultados da pesquisa os sobreviventes narram a dor e tristeza, além de buscar causas e culpar outras pessoas pelo ocorrido, relatam ainda o suporte que receberam nesse processo e a superação alcançada. Os sobreviventes contam como foi o último contato com os jovens que cometeram suicídio e buscam sentido ao ato, descrevem os sentimentos ocorridos como o impacto da notícia e a culpa. Diante desse contexto, os autores identificaram quatro estratégias para buscar suporte e superação: isolamento, apoio social, práticas religiosas e dedicação ao trabalho.

Em suma, o estudo destaca que o luto pelo suicídio de um jovem pode ter efeitos duradouros na vida dos sobreviventes, influenciando na saúde mental, relacionamentos e qualidade de vida. Por fim, os autores reafirmam a complexidade do luto e a necessidade de suporte adequado para os sobreviventes. Além disso, reforçam a importância de estratégias preventivas para minimizar a incidência de suicídios entre jovens. É importante destacar que os achados fazem sentido com a fundamentação, pois a análise temática é eficaz para identificar padrões e temas recorrentes nas experiências dos sobreviventes ao suicídio de jovens.

A pesquisa de Lemos; Silva; Almeida e Costa Neto (2023) é de finalidade aplicada, natureza observacional, de abordagem qualitativa, objetivo descritivo e procedimento técnico

de pesquisa de campo. O poder de inferência é moderado a alto, onde a metodologia descritiva permite uma análise detalhada da realidade dos familiares. São realizadas entrevistas semiestruturadas com três familiares de vítimas diferentes de suicídio no decorrer dos anos de 2020 a 2022, em uma cidade do interior do sudeste goiano. Como nos trabalhos de Alpe e Cruz, e Gomes e Constantinidis, a análise das respostas apresentadas pelos participantes também é pelo método da análise de conteúdo.

Os familiares relataram na entrevista sentimentos intensos de tristeza, culpa, raiva e confusão, demonstrando assim o impacto emocional e psicológico enfrentados pelos sobreviventes. Esses relatos evidenciam a grande necessidade de suporte adequado, tanto social quanto psicológico, oferecido por profissionais de saúde capacitados para lidar com o luto por suicídio. Os autores também sugerem que grupos terapêuticos possam desempenhar um papel fundamental no amparo às dores e ressignificação dessas experiências, promovendo a identificação e o compartilhamento de histórias entre os demais membros. Sendo assim, as propostas de intervenção sugeridas pelos autores são essenciais para melhorar a qualidade de vida desses familiares.

Portanto, os achados estabelecem uma relação de sentido com a fundamentação, pois a abordagem descritiva é adequada para mapear a realidade dos familiares e sugerir intervenções baseadas em evidências.

A pesquisa de Gomes e Constantinidis (2023) explora os sentimentos e percepções do luto de sobreviventes ao suicídio de jovens. Por outro lado, Lemos et al. (2023) discutem a realidade dos familiares de indivíduos vítimas de autoextermínio. Ambos os estudos destacam a necessidade de suporte adequado.

Portanto, todos os artigos ressaltam a importância de suporte para os familiares sobreviventes de suicídio, de forma que cada um traz uma contribuição única. Nunes et al. apontam para a prevenção de novos suicídios, Alpe e Cruz enfatizam o luto e o sofrimento emocional, Gomes e Constantinidis abordam a perda de jovens e Lemos et al propõem intervenções em saúde pública.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os índices de suicídio refletem uma realidade complexa, na qual fatores sociais, psicológicos e biológicos estão interligados. O ato em si geralmente resulta de uma combinação de elementos, incluindo estados de sofrimento psicológico prolongado ou impulsos desesperados, o que reforça a necessidade de ações preventivas abrangentes. O impacto do

suicídio sobre os enlutados é profundo, marcado por emoções intensas, como culpa, raiva e impotência, que afetam significativamente o bem-estar emocional e as dinâmicas familiares. Esse luto específico exige abordagens especializadas, incluindo suporte psicoterapêutico, psicoeducação e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, permitindo a ressignificação da perda.

Dessa forma, destaca-se o papel dos profissionais de saúde mental na promoção de acolhimento e no fortalecimento da rede de apoio às famílias e indivíduos em sofrimento. Além disso, iniciativas de conscientização, políticas públicas e programas de apoio psicossocial são imprescindíveis para reduzir o estigma e fomentar uma cultura de cuidado. Conclui-se que o enfrentamento ao suicídio e seus impactos demanda ações integradas e interdisciplinares, reconhecendo a saúde mental como um pilar do bem-estar. Estudos futuros e intervenções práticas são essenciais para construir um cenário mais humano, onde a vida seja valorizada e a dor tratada com acolhimento e respeito.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio: informando para prevenir, Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio**. Brasília: CFM/ABP, 2014.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida**. Artmed Editora, 2015.

BOUSSO, R. S. **A complexidade e a simplicidade da experiência do luto**. Acta Paulista de Enfermagem, 24(3), VII-VIII. 2011

BRASIL, Organização Mundial de Saúde. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária**. Genebra, Organização Mundial da Saúde, 2000.

BROMBERG, M. H. P. F. et al. **Vida e morte: laços da existência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

CARTER, B.; GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Artmed. 1995.

CASEY, James. **Family and Community in Early Modern Spain: The Citizens of Granada, 1570-1739**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

CESCON, L. F., CAPOZZOLO, A. A., Lima, L. C. Aproximações e distanciamentos ao suicídio: analisadores de um serviço de atenção psicossocial. **Saúde e Sociedade**, 27(1), 185–200. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170376>. Acessado em: 15 de abril de 2024.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C., TAKAHASHI, R. F., e BERTOLOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da U S P**, 45(5), 1260–1266. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0080-62342011000500033>. Acessado em: 15 de abril de 2024.

DESSEN, M. A.; RAMOS, P. C. C.. **Crianças pré-escolares e suas concepções de família**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 20, n. 47, p. 345–357, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/WqZF8v53gm5vS9ZTBL5ZG9J/#>. Acessado em: 10 de agosto de 2024.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO ONLINE, **Suicídio**. 2016. Disponível em: Acessado em: 10 de maio de 2024.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. M. Introdução. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família brasileira, a base de tudo** (p.11-5), 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF, Unicef, p.11-5, 2004.

FIGUEIREDO, L. M. P., e MARTINS, C. B. **Família: conceitos e definições** (L. M. P. Figueiredo & C. B. Martins, Orgs.). Pioneira Thomson Learning. 2009.

FUKUMITSU, K. O., e KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Psico**, 47(1), 3-12. 2016.

FUKUMITSU, K.O., et al. Pós-venção: uma nova perspectiva para o suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia**, 02(2), 48-49. 2015 Disponível em: <http://revpsi.org/wpcontent/uploads/2015/12/Fukumitsu-et-al.-2015-Posven%C3%A7%C3%A3o-uma-novaperspectiva-para-o-suic%C3%ADdio-Posven%C3%A7%C3%A3o-uma-nova-perspectivapara-o-suic%C3%ADdio.pdf>. Acessado em: 15 de abril de 2024.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Sobreviventes enlutados por suicídio: Cuidados e intervenções**. Summus Editorial, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

KÜBLER- ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução: Paulo M. 10ª. ed: São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2017. P. 43-142. p. 43- 142.

MAGALHAES, Lucimara Silva; ANDRADE, Sônia Maria Oliveira. Depressão e comportamento suicida: atenção primária em saúde. **Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande** , v. 11, n. 1, p. 99-107, abr. 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2019000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 01 de junho de 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4ª ed. p.43 e 44.

MINAYO, M. C. de S. Cuidar de quem cuida de idosos dependentes: por uma política necessária e urgente. **Ciencia & saude coletiva**, 26(1), 7–15. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020261.30872020>. Acessado em: 20 de abril de 2024.

Organização Mundial de Saúde. **Ação de saúde pública para a prevenção de suicídio: uma estrutura**. Catalogação da Biblioteca da OMS. Genebra. 2012. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/07/documento-suic%C3%ADdiotraduzido.pdf>. Acessado em: 20 de abril de 2024.

PARKES, Colin Murray. **Luto estudos sobre a perda na vida adulta**. Summus Editorial, 1998.

RUCKERT, Monique Lauermann Tassinari; FRIZZO, Rafaela Petrolli; RIGOLI, Marcelo Montagner. Suicídio: a importância de novos estudos de pós-venção no Brasil. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 85-91, dez. 2019 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872019000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872019000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 01 de junho de 2024.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1995.

SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1990.

SILVA, K. M. C. et. al. Efeitos psicológicos nos familiares enlutados por suicídio: uma abordagem tanatológica da dor e da recuperação. **Revista PPC- Políticas Públicas e Cidades**, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 01-18, 2024.

SILVA, Lúcia Cecília da. **Suicídio: o luto dos sobreviventes**. In: Conselho Federal de Psicologia (CFP). Suicídio e os desafios para a psicologia. Brasília: CFP, 2013. p. 45 – 58. ou p. 61.

SOUZA, Marina da Silva; BAPTISTA, Maria Natividade. **Laços familiares e desenvolvimento individual. Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 140-155, 2008.

TAKAHARA, Anderson Yuri et al. Dinâmica familiar e relações parentais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n. 4, p. 639-648, 2017.

WERLANG, Blanca. **Suicídio: Uma questão de saúde pública e um desafio para Psicologia Clínica**. Suicídio e os desafios para a Psicologia, p. 2